



Doi: 10.4025/7cih.pphuem.1394

O LUXO NAS FRONTEIRAS DO IMPÉRIO PORTUGUÊS: AS SEDAS E JÓIAS FEMININAS EM SÃO PAULO NO SÉCULO XVII.

Juliana de Mello Moraes
(Fundação Universidade Regional de Blumenau)

Resumo.

Esse estudo explora a relação entre a aquisição de bens de luxo e as estratégias de distinção das mulheres em São Paulo na segunda metade do século XVII. De acordo com a historiografia, esse período foi marcado pela conformação de uma sociedade hierarquizada e com forte concentração de riqueza entre aqueles dedicados à produção e ao comércio, determinando a afirmação e sedimentação da elite paulista. A partir dos inventários *post mortem* é possível verificar os bens dos mais abastados, destacando-se a existência de jóias e vestuário refinado nos espólios das senhoras. Nesse sentido, a análise centra-se nos vínculos entre os jogos de aparência, através do uso de indumentária suntuosa, e o papel desempenhado pelas mulheres naquela sociedade, pois elas congregavam, por meio dos seus dotes, parte significativa dos cabedais no momento da formação de novas famílias. Os bens das mulheres não somente corroboravam as hierarquias estamentais, inclusive em cenários afastados dos centros político-administrativos ou econômicos do império português, mas também expressavam a complexidade inerente a cultura de consumo e as relações de gênero. Enquanto elemento inseparável da realidade circundante, o consumo de bens, mais do que o desejo de ostentação ou mimetismo social, emerge como um dos aspectos relevantes para a consolidação da elite paulista, especialmente entre as mulheres, sinalizando sua visibilidade e proeminência naquele contexto.

Palavras-chave: Indumentária feminina; São Paulo; consumo; século XVII.

Em 1655, Izabel de Freitas, desejando por sua alma "no caminho da salvação", elaborou seu testamento. Possuidora de avultado cabedal, totalizando mais de 930 mil réis, Izabel de Freitas fazia parte do restrito grupo de grandes proprietários da vila de São Paulo, pois a maior parte da população possuía até 200 mil réis. ¹ Além da riqueza, sua família tinha visibilidade social, pois seu avô materno

¹ ARQUIVO DO ESTADO DE SÃO PAULO. *Inventários e testamentos*. vol. 47. São Paulo: Divisão do Arquivo do Estado de São Paulo, 1999. p. 93-135. Sobre os níveis de riqueza nos inventários de São Paulo consultar SILVA, Luciana da. *Artefatos, sociabilidades e sensibilidades: cultura material em São Paulo (1580-1640)*. Campinas, 2013. 240f. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Campinas. p. 57.

Antonio Rodrigues de Alvarenga participara da fundação da vila, exercendo o ofício de tabelião, enquanto seu pai, oriundo de Portugal, Sebastião de Freitas possuía a patente de "capitão da gente de Piratininga do campo de S. Paulo".² Portanto, ela descendia de imigrantes portugueses que aqui assumiram posição social destacada tanto no âmbito civil quanto militar. Como outros fiéis da sua época, Izabel temendo pela hora da morte, devido á doença que lhe acometia, quis garantir seus ritos fúnebres. Entre esses consta a escolha cuidadosa da mortalha, pois a aparência daquele que morria também influenciava o seu destino no além-mundo.³ A preferência recaiu sobre o hábito carmelita, indicando sua devoção. Porém, esse pedido póstumo contrastava com seu vestuário cotidiano afeito a roupas luxuosas e jóias.

Este estudo analisa os vínculos entre os jogos de aparência, através do consumo de indumentária suntuosa, e o papel desempenhado pelas mulheres da elite na sociedade paulistana, na segunda metade do século XVII, tendo como foco o inventário de Izabel de Freitas.

Os inventários post-mortem fornecem informações sobre as posses de bens móveis e imóveis, incluindo o vestuário e ornamentos, permitindo mapear e avaliar a cultura material, o consumo, enfim, diversos aspectos do cotidiano das populações do passado. No entanto, essas fontes possuem alguns limites e fragilidades, pois se referem a um momento específico da trajetória dos inventariados, sendo os itens designados no documento pouco elucidativos sobre os ritmos e mudanças nas fortunas dos sujeitos.⁴ Doações em período anterior a elaboração do inventário ou lapsos e lacunas nos registros também são razões para problematizar a sua fiabilidade. Contudo, apesar da existência de tais problemas, os inventários possibilitam a análise do vestuário de uma determinada época e local, uma vez que referem as características das peças (materiais e cores), a qual gênero se destinava o traje (masculino ou feminino), as condições de uso no momento do registro e os valores monetários atribuídos às vestes naquela sociedade. Como ressaltou Alcântara Machado, em estudo pioneiro, os inventários configuram-se em "generoso

² Sobre a família de Izabel de Freitas consultar LEME, Luiz Gonzaga da Silva. **Genealogia paulistana**. Disponível em: <http://www.arvore.net.br/Paulistana/Alvarengas_1.htm>;

<<http://www.buratto.org/paulistana/Freitas.htm>>. Acesso em 02/08/2015.

³ ARAÚJO, Maria M. Lobo de. O mundo dos mortos no cotidiano dos vivos: celebrar a morte nas Misericórdias portuguesas. **Comunicação & Cultura**, n. 10, Lisboa, 2010. p. 106.

⁴ Sobre os principais problemas relacionados ao uso dos inventários como fonte consultar ROCHE, Daniel. **A cultura das aparências. Uma história da indumentária (Séculos XVII-XVIII)**. São Paulo: Senac, 2007. p. 82.

manancial de notícias relativas à organização da família, vida íntima, economia e cultura dos povoadores." ⁵ Ademais, a partir dessa documentação é possível verificar as complexas conexões entre consumo e gênero, bem como as relações sociais envolvidas na posse e circulação dos objetos, nesse caso específico do traje.

Mais recentemente, outros pesquisadores recorreram aos inventários no intuito de compreender as dinâmicas sociais, culturais e materiais em São Paulo entre os séculos XVI e XVII. Possuem especial relevância para esta pesquisa a tese de Igor Renato Machado de Lima a respeito das mudanças nas relações entre gênero, economia e a cultura indumentária na vila de São Paulo durante os anos de 1554 e 1650, bem como a dissertação de Luciana da Silva que explora a cultura material e as redes de sociabilidades na mesma localidade. ⁶ Ambos analisam a vida material integrando-a numa dimensão complexa, verificando a posição dos indivíduos e as relações estabelecidas entre as posses, as trocas patrimoniais e os laços familiares e de solidariedade entre os seus habitantes. No que se refere ao vestuário arrolado entre 1580 e 1640, constatou-se sua presença acanhada em comparação com outros bens, pois representava "o quinto elemento mais comum registrado nos inventários. Isso porque a maior parte das pessoas acumulava poucas peças dessa categoria, e essas acabavam indo para o túmulo junto com os proprietários mais pobres." ⁷ Apesar de fundamentais para a compreensão da vida material em São Paulo, esses estudos contemplam o conjunto da documentação até a primeira metade do século XVII, não focando exclusivamente nas questões relativas ao consumo e ao gênero para o período posterior.

A aquisição de bens materiais, antes de ser uma prática desprovida de historicidade, altera-se segundo as sociedades e épocas, explicitando também nesse movimento as identidades daqueles que a praticam, como refere Isabel dos Guimarães Sá, ao avaliar o consumo da corte portuguesa. ⁸ Nesse sentido, os pressupostos sobre a mutabilidade do consumo ao longo do tempo e as relações de gênero envolvidas na aquisição de bens de luxo orientam nossa análise.

⁵ MACHADO, Alcântara. **Vida e morte do bandeirante**. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1980. p. 30.

⁶ LIMA, Igor Renato Machado de. **"Habitus" no sertão: gênero, economia e cultura indumentária na vila de São Paulo (1554- c.1650)**. São Paulo, 2011. 329f. Tese (Doutorado em História Econômica) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo; SILVA, 2013.

⁷ SILVA, 2013, p. 228.

⁸ SÁ, Isabel dos Guimarães. The uses of luxury: some examples from the Portuguese courts from 1480 to 1580. **Análise Social**, vol. XLIV, n. 192, p. 589-604, 2009.

De acordo com as definições da época, luxo correspondia ao "demasiado gasto, ostentação em vestidos, móveis, banquetes" ⁹. É pertinente ressaltar a relação direta entre o que era considerado luxo e o dispêndio excessivo, sobretudo, com o traje.

Do mesmo modo, é fundamental caracterizar as mulheres, tendo em vista a abrangência dessa categoria. As configurações sociais da época favoreciam a multiplicidade de condições sociais e jurídicas das mulheres, sendo, aliás, bastante heterogêneas as situações concretas no universo feminino do período. Entre mulheres livres, alforriadas e escravas, afortunadas ou pobres, emergiam ainda as diferenças étnicas, no caso de São Paulo possuía relevância a presença das indígenas entre seus habitantes. Paralelamente, é fundamental referir que a seleção das fontes não permite avançar com a caracterização e exame do vestuário feminino em sua globalidade, pois somente as mulheres possuidoras de bens ou mesmo com possibilidades de acesso ao crédito originaram inventários post-mortem. Elas distinguiam-se do restante da população tanto pelo seu patrimônio quanto pela sua inserção social, compondo a elite paulista.

Essas premissas nortearam a seleção do inventário de Izabel de Freitas para o estudo de caso, pois o seu pertencimento a elite, bem como as características do seu inventário permitem avaliar as relações entre consumo e gênero na vila de São Paulo.

Contudo, como refere Maria Beatriz Nizza da Silva, tal grupo recebeu escassa atenção historiográfica, pois os estudos sobre o universo feminino privilegiam africanas ou afrodescendentes. ¹⁰ Quanto às suas vestimentas, constata-se a importância do traje enquanto instrumento de afirmação e diferenciação entre forras e escravas expressa pelo uso de vestes luxuosas e de ornamentos suntuosos, provocando, inclusive, a constante censura seja do clero ou das autoridades coloniais. Considerava-se escandaloso o uso de sedas, rendas e jóias entre a população negra e mestiça, pois os trajes poderiam favorecer a indistinção social, abalando as hierarquias sociais.

De fato, ao longo do século XVII e XVIII, distintas medidas legislativas visaram restringir o consumo de bens de luxo, em especial, proibindo o "uso de

⁹ BLUTEAU, Raphael. **Vocabulário português & latino: aulico, anatomico, architectonico** . vol. 5. Coimbra: Colégio das Artes da Companhia de Jesus, 1712 - 1728. p. 212.

¹⁰ SILVA, Maria Beatriz Nizza. **Donas e plebéias na sociedade colonial**. Lisboa: Editorial Estampa, 2002. p. 10.

certos tecidos conforme a condição social das pessoas." ¹¹ As leis pragmáticas, publicadas em Portugal reforçavam as conexões entre política e tecido social, através das tentativas de controle sobre as aparências, restringindo e hierarquizando os têxteis e ornamentos. Os textos das leis pragmáticas publicados respectivamente em 1677 e 1749, apesar das suas distinções relativas principalmente ao enfoque atribuído a população negra, ressaltavam, entretanto, a importância dos trajes enquanto referenciais simbólicos e demarcadores sociais. Portanto, o vestuário desempenhava função essencial na conexão entre a posição dos indivíduos e a hierarquia social, podendo denotar prestígio e visibilidade.

Diferentemente de Portugal, na América algumas características relativas às hierarquias sociais e sua expressão cotidiana, por meio do consumo e do trato pessoal, assumiram contornos específicos, tendo em vista a presença da escravidão. A historiografia ressalta a simplicidade no cotidiano dos seus moradores evidente na precariedade das moradias e do mobiliário nos dois primeiros séculos, em especial nas localidades mais afastadas dos centros urbanos e comerciais, revelando que "os costumes domésticos desenvolvidos no reino foram, assim, precariamente adaptados à vida na Colônia." ¹² Todavia, os múltiplos cenários coloniais promoveram a formação de distintas configurações sociais, com variações profundas relacionadas à composição da população, às atividades econômicas e à configuração político-administrativa local.

Atualmente são problematizadas as visões sobre a decadência e a pobreza em São Paulo, rejeitando-se perspectivas generalizantes sobre as condições materiais de seus habitantes, pois como enfatiza Ilana Blaj verifica-se em meados do século XVII as conexões comerciais da vila paulistana com outros núcleos urbanos, os quais propiciaram a formação de uma sociedade hierarquizada com grande concentração de riquezas entre a elite. ¹³ Desse modo, as famílias controlavam extensos recursos produtivos, sendo, contudo, garantida a divisão igualitária entre filhas e filhos no momento da partilha. A legislação portuguesa assegurava a sucessão à filhas e esposas, havendo "inclusive um privilegiamento das mulheres

¹¹ LARA, Sílvia Hunold. Sedas, panos e balangandãs: o traje de senhores e escravas nas cidades do Rio de Janeiro e de Salvador (século XVIII). In: SILVA, Maria Beatriz Nizza da (org.). **Brasil: colonização e escravidão**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000. p. 180

¹² ALGRANTI, Leila. Famílias e vida doméstica. In: SOUZA, Laura de Mello e (org.). **História da vida privada no Brasil**. vol. 1. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 112.

¹³ BLAJ, Ilana. Agricultores e comerciantes em São Paulo nos inícios do século XVIII: o processo de sedimentação da elite paulistana. **Revista Brasileira de História**, vol. 18, n. 36, 1998, p. 281-296, 1998.

em detrimento dos homens." ¹⁴ Ao longo do século XVII, 90% das famílias abastadas dotaram suas filhas, lhes fornecendo, principalmente, casas, terras e escravos indígenas. ¹⁵ Como recursos fundamentais para o pertencimento a elite local, as partilhas atribuíam às mulheres um significativo capital simbólico na conformação e reprodução desse grupo.

A partir dos inventários da época, Luciana da Silva constata que a posse de escravos, ferramentas de trabalho e bens imóveis se constituía no tripé fundamental dos proprietários em São Paulo. Não obstante, como esses recursos eram relativamente comuns, a distinção consistia na sua diversificação, ou seja, ter casas em diferentes espaços (urbano e rural), plantações em áreas extensas e ferramentas diversificadas, bem como um grande número de escravos. ¹⁶ Nesse sentido, o acesso aos bens de produção não gerava necessariamente visibilidade social, sendo essa composta por distintos fatores, entre os quais incluímos o vestuário. Essencial para a conformação da aparência, o vestuário estabelece as conexões do indivíduo com a comunidade. Por conseguinte, as escolhas relativas ao consumo indumentário regem-se por ações simbólicas, as quais "exprimem sempre a posição social, segundo uma lógica que é a mesma da estrutura social, a lógica da distinção." ¹⁷

Entretanto, as condições de produção e consumo indumentário variam de acordo com os espaços e tempos, sendo observado no caso da região de São Paulo o incremento na produção de algodão ao longo do século XVII. Essa expansão deu origem a uma variada gama de artefatos de uso doméstico e pessoal. As peças de algodão, principalmente os gibões, eram inclusive exportadas para Angola, onde serviam como armaduras nas incursões militares. ¹⁸

A dinamização da produção de algodão correspondeu ao seu uso generalizado entre a população do planalto paulista. A presença desse têxtil nos inventários foi destacada por Alcântara Machado que o considerava, além de moeda corrente, o tecido mais relevante na região. ¹⁹ Como verificou Luciana da Silva "o

¹⁴ SAMARA, Eni Mesquita. **Família, mulheres e povoamento: São Paulo, século XVII**. São Paulo: EDUSC, 2003. p. 76.

¹⁵ Idem, p. 76.

¹⁶ SILVA, 2013, p. 65.

¹⁷ BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2005. p. 17.

¹⁸ LIMA, 2011, p. 160.

¹⁹ MACHADO, 1980, p. 144.

pano de algodão era de uso comum para se fazerem tanto alfaias quanto roupas, fosse cru ou tingido." ²⁰

O inventário de Izabel de Freitas é exemplar no que se refere a presença do algodão no cotidiano dos paulistanos, nele encontram-se toalhas, lençóis e um colchão listrado produzidos dessa matéria-prima. Essas peças, juntamente com os talheres de prata, sugerem a busca por algum conforto e distinção no ambiente doméstico, tendo em vista a carência generalizada de ornamentos e mobiliário nas residências dos colonos. ²¹ Entre os seus bens constam ainda três casas, um sítio, criação de gado (suíno, bovino e ovino), foices e martelos, enfim um conjunto apreciável para aquele contexto. Além disso, ela estava diretamente envolvida com a confecção têxtil, pois entre suas posses encontravam-se um tear e dez arrobas de algodão. ²² Contudo, embora tivesse todas as condições para produzir tecidos, dentre as roupas inventariadas não há referências à peças elaboradas com o pano mais comum da região. Aliás, no rol sobressaem outros têxteis como o damasco, a baeta, o tafetá ou, ainda, o tabi (seda lisa). Triviais entre o vestuário das senhoras, esses tecidos indicavam a necessidade de distinção, pois a maior parte da população, muito provavelmente, vestia-se com o pano mais comum da terra, ou seja, aquele de algodão cru.

Não somente a qualidade dos tecidos, mas os modelos das peças também determinam a aparência. As saias, gibões e mantos compunham grande parte do rol de Izabel de Freitas. Apesar de uma peça azul, o conjunto era dominado pela cor preta, indicando consonância com a moda da Península Ibérica. Entretanto, o traje de maior valor correspondia ao vestido de "chambalote de flores", anágua e roupetilhas, o qual deveria ser usado principalmente nos momentos de maior visibilidade, como as celebrações religiosas. ²³ Os vestidos eram raros na América

²⁰ SILVA, 2013, p. 208.

²¹ ALGRANTI, 1997, p. 111.

²² ARQUIVO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 1999, p. 101, 102, 110.

²³ Roupetilha de acordo com Eudes Campos seria " talvez o mesmo que roupinhas, tal como definidas por Morais/ Bluteau (1789). Vestidura de mulher, que se apertava por diante, chegava até a cintura e tinha manga até meio braço ou manga inteira. Nos inventários paulistas aparece sendo usada com anáguas (supostamente, saias menos rodadas e decoradas que a vasquinha). Havia a versão infantil para meninas, de acordo com o regimento dos alfaiates de 1587. Em geral, essas peças eram feitas de tecido encorpado (sarja, baeta e serafina acabada). Muito citadas em inventários paulistas datados dos anos de 1649-1656." CAMPOS, Eudes. Pequena contribuição para o estudo da indumentária dos primeiros paulistanos. Glossário. Disponível em: <<http://www.arquiamicos.org.br/info/info27/i-estudos4.htm>>. Acesso em: 22 de Ago. de 2017.

portuguesa, devido ao preço elevado dos tecidos, como indica Cláudia Mól.²⁴ Em São Paulo, por exemplo, o damasco estrangeiro era avaliado em 1\$200 réis o côvado.²⁵

Para construir sua aparência, Izabel de Freitas contava ainda com duas gargantilhas com seus respectivos pingentes de pedras vermelhas, quatro anéis de ouro e dois pares de brincos, esmaltados de azul e outro de branco. Desse modo, ela tinha a sua disposição um conjunto de vestimentas e ornamentos caracterizado pela variedade e qualidade destacando-se no panorama local.

Contudo, a situação de Izabel de Freitas, embora excepcional, não era única. Outros inventários de mulheres revelam um conjunto variado de trajes luxuosos²⁶, confirmado a importância desses objetos no cotidiano feminino da elite paulista. As preocupações com a aparência e aquisição de roupas entre as mulheres em São Paulo revelam a necessidade de demarcar sua posição social, sendo nesse contexto o consumo indumentário a forma mais evidente de garantir essa visibilidade.

Considerações Finais

Segundo Maria Beatriz Nizza da Silva o consumo indumentário entre a população colonial traduzia "diferenças, sobretudo, nos tecidos empregados, embora em épocas e locais de rarefação de objetos e de trajes seja mais difícil distinguir as donas das plebeias."²⁷ Todavia, o inventário de Izabel de Freitas nos sugere uma perspectiva diversa, pois ainda que em meio à carestia e rusticidade cotidiana verifica-se a busca por distinção, mesmo em territórios distantes dos centros políticos e econômicos do império português.

As condições materiais da população paulistana refletiam as mutações da época e se configuraram num dos componentes relevantes para o estabelecimento e fixação de fronteiras entre os grupos sociais e sedimentação da elite. Naquele contexto, o dote desempenhava um papel relevante na formação das novas famílias

²⁴ A respeito da escassez de vestidos na América portuguesa consultar MÓL, Cláudia Cristina. Entre sedas e baetas. O vestuário das mulheres alforriadas de Vila Rica. *Varia História*, n. 32, p. 176-189, 2004.

²⁵ Côvado, segundo Bluteau, equivalia a três palmos, sendo a medida utilizada em sedas e tecidos de cor. BLUTEAU, 1712 - 1728, p. 592; ARQUIVO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 1999, p. 103.

²⁶ Sobre os inventários de São Paulo, no século XVII, e a indumentária consultar MACHADO, 1980, p. 91-96; SILVA, 2013, p. 216-224.

²⁷ SILVA, 2002, p. 81

em São Paulo, destinando às senhoras de elite um significativo *status* social, o qual se manifestava no vestuário. O refinamento nas peças domésticas, através do uso de toalhas e talheres de prata, juntamente com o vestuário variado e luxuoso coadunado a um conjunto de jóias de ouro e pedraria, sinalizam a valorização de objetos elaborados fora do âmbito local. A ausência de roupas de algodão no espólio de Izabel de Freitas indica suas escolhas, sugerindo a desvalorização dos trajes produzidos a partir do tecido da terra. Intimamente conectado com a configuração social, o consumo insere-se na "pluralidade complexa dos modelos sociais e das práticas culturais" ²⁸, não sendo, todavia, um reflexo direto do contexto produtivo ou econômico. Nesse sentido, o consumo não se baseava numa lógica estritamente econômica, mas principalmente como mecanismo de reconhecimento social.

Enquanto elemento inseparável do contexto circundante e das práticas culturais, o consumo de bens, mais do que desejo de ostentação ou mimetismo social, emerge como um dos aspectos relevantes para a consolidação da elite paulista, sinalizando a visibilidade e proeminência das mulheres no período.

Referências:

- ALGRANTI, Leila. Famílias e vida doméstica. In: SOUZA, Laura de Mello e (org.). **História da vida privada no Brasil**. vol. 1. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- ARAÚJO, Maria M. Lobo de. O mundo dos mortos no quotidiano dos vivos: celebrar a morte nas Misericórdias portuguesas. **Comunicação & Cultura**, n. 10, Lisboa, 2010.
- ARQUIVO DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Inventários e testamentos**. vol. 47. São Paulo: Divisão do Arquivo do Estado de São Paulo, 1999.
- BLAJ, Ilana. Agricultores e comerciantes em São Paulo nos inícios do século XVIII: o processo de sedimentação da elite paulistana. **Revista Brasileira de História**, vol. 18, n. 36, 1998, p. 281-296, 1998.
- BLUTEAU, Raphael. **Vocabulario portuguez & latino: aulico, anatomico, architectonico**. vol. 5. Coimbra: Colégio das Artes da Companhia de Jesus, 1712 - 1728.

²⁸ LEVI, Giovanni. Comportamentos, recursos, processos: antes da "revolução" do consumo. In: REVEL, Jacques. **Jogos de escalas. A experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998. p. 215.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

CAMPOS, Eudes. Pequena contribuição para o estudo da indumentária dos primeiros paulistanos. Glossário. Disponível em: <<http://www.arquiamigos.org.br/info/info27/i-estudos4.htm>>. Acesso em: 22 de Ago. de 2015.

LEME, Luiz Gonzaga da Silva. Genealogia paulistana. Disponível em: <http://www.arvore.net.br/Paulistana/Alvarengas_1.htm>; <<http://www.buratto.org/paulistana/Freitas.htm>>. Acesso em: 02 de Ago. de 2015.

LEVI, Giovanni. Comportamentos, recursos, processos: antes da "revolução" do consumo. In: REVEL, Jacques. **Jogos de escalas. A experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998

LIMA, Igor Renato Machado de. **"Habitus" no sertão: gênero, economia e cultura indumentária na vila de São Paulo (1554- c.1650)**. São Paulo, 2011. 329f. Tese (Doutorado em História Econômica) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

MACHADO, Alcântara. **Vida e morte do bandeirante**. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1980.

MÓL, Cláudia Cristina. Entre sedas e baetas. O vestuário das mulheres alforriadas de Vila Rica. **Varia História**, n. 32, p. 176-189, 2004.

ROCHE, Daniel. **A cultura das aparências. uma história da indumentária (Séculos XVII-XVIII)**. São Paulo: Senac, 2007.

SÁ, Isabel dos Guimarães. The uses of luxury: some examples from the Portuguese courts from 1480 to 1580. **Análise Social**, vol. XLIV, n. 192, p. 589-604, 2009.

SAMARA, Eni Mesquita. **Família, mulheres e povoamento: São Paulo, século XVII**. São Paulo: EDUSC, 2003.

SILVA, Luciana da. Artefatos, sociabilidades e sensibilidades: cultura material em São Paulo (1580-1640). Campinas, 2013. 240f. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Campinas.

SILVA, Maria Beatriz Nizza. **Donas e plebéias na sociedade colonial**. Lisboa: Editorial Estampa, 2002. LARA, Sílvia Hunold. Sedas, panos e balangandãs: o traje de senhores e escravas nas cidades do Rio de Janeiro e de Salvador (século XVIII).

In: SILVA, Maria Beatriz Nizza da (org.). **Brasil: colonização e escravidão**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.